



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ENIO PAULO AGUZZOLI II

(depoimento)

2012

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-288

Entrevistado: Enio Paulo Aguzzoli

Nascimento: 12/10/1946

Local da entrevista: Porto Alegre

Entrevistadora: José Patricio Cunha Pinheiro

Data da entrevista: 03/09/2012

Transcrição: Bruna Tomaschwski Perla

Copidesque: Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: José Patricio Cunha Pinheiro

Total de gravação: 56 minutos e 19 segundos.

Páginas Digitadas: 17 páginas

Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso de José Patrício Cunha Pinheiro intitulado *A História da Maratona de Porto Alegre e sua Contribuição para a Popularização das Corridas de Rua na Cidade* desenvolvido na Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Apresentação do entrevistado; Inserção no esporte; Constituição do Clube de Corredores de Porto Alegre (CORPA); Participação em maratonas nacionais e internacionais; Maratona de Porto Alegre; Organização da Maratona de Porto Alegre; Dificuldades para conseguir apoio do poder público; Participação do público nas Maratonas; Organização de outras maratonas; Expectativas sobre a realização de Maratona em diversos países; Considerações finais, elogios e agradecimentos.

Porto Alegre, 03 de Setembro de 2012. Entrevista com Enio Paulo Aguzzoli a cargo do pesquisadora José Patrício Cunha Pinheiro para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J.P. – Boa tarde Dr. Enio, por gentileza diga seu nome completo, data de nascimento e profissão.

E.P. – Meu nome é Enio Paulo Aguzzoli. Sou nascido no dia 12/10/1946, portanto vou fazer sessenta e seis anos, nasci na cidade de Caxias do Sul. Eu sou médico e a minha formação é cardiologia. Fiz medicina interna aqui na Faculdade Federal do Rio Grande do Sul, cardiologia pela Universidade da Alemanha e pela clínica, tanto a Clínica Shirklemam Clínic, como [trecho inaudível], onde eu fiz lá reabilitação cardiovascular. Eu fiz hemodinâmica, eu fiz medicina desportiva, então, essa é a minha titulação. Além disso, eu trabalho na clínica geral, então como eu disse na medicina do trabalho também, sou titulado pela Universidade Federal de Santa Maria.

J.P. – Como foi o seu início na carreira esportiva, foi um atleta profissional ou foi um praticante de corridas?

E.P. - Bom caríssimo, eu acho que a minha atuação dentro do esporte foi algo mais ou menos natural. Às vezes eu me pergunto como é que surgiu se eu venho de uma família de imigrante italiana e eu fui o único que me destaquei nessa modalidade de pedestrianismo e mesmo até desportivo, porque não é só o esporte em si, a atividade de corrida, mas sim outros esportes como o basquete, etc. Nunca fui um bom jogador de futebol. Nunca, por sinal eu era um péssimo jogador de futebol, jogava mas digamos assim, não era a minha vocação. A minha vocação sempre foi para um esporte de continuidade, sempre gostei de um esporte que me dava continuidade sem desacelerações, em outras palavras, sem parar muito tipo tênis, futebol que você, de repente, está na defesa, você é o zagueiro, e aí você espera que o ponteiro faça gol, etc. Eu sempre joguei, eu sempre quis um esporte que eu pudesse mostrar as minhas capacidades. Mas joguei muito tempo basquetebol e o pedestrianismo, que é a corrida, começou quando ainda eu estava na cidade de Caxias do Sul na época do segundo grau. Isso foi uma motivação natural, não posso te dizer caríssimo Patrício, que tenha sido algo imposto, foi digamos assim, um dom. Eu acho que

eu tinha uma facilidade de fazer corridas, mas na verdade, nessa época, eu fazia corridas e fazia ciclismo também, os dois esportes: ciclismo e a corrida, o pedestrianismo, foram os que mais me chamaram a atenção. Primeiro lugar pela simplicidade, porque você pode botar um calção, um tênis, que naquela época era um conguinha ou era um verlon, que era quase um sapato, e foi evoluindo depois as décadas que a gente introduziu o ETI, que é tênis que é hoje um equipamento de proteção individual. Naquela época em Caxias do Sul até era estranho um caxiense da minha época, era estranho fazer um alongamento, até mais era jocoso e as pessoas me viam com certa restrição até, porque aquele horário era um horário que as pessoas ou estavam trabalhando na Metalúrgica Bramoerbori ou estavam estudando, ou trabalhavam em alguma marcenaria, carpintaria, ou estavam construindo mas um jovem assim desocupado entre aspas, como eu, fazendo um alongamento, e fazendo um treinamento, era uma coisa até meio mal vista eu diria. Bom, em Caxias do Sul, evidentemente, não em Porto Alegre, e começou isso no segundo grau, terminando o segundo grau, e naquela época em 1965 eu fiz um concurso e um exame para ir para os Estados Unidos e terminar o científico lá, isso foi em 1963. Então em 1963 já começou despertar o interesse não só pelo esporte, mas também por conhecer outra cultura. Como eu estava ligado à cultura americana, o centro cultural Brasil-Estados Unidos, lá em Caxias do Sul... Eu tinha uma verdadeira paixão por aquilo que os americanos apresentavam nos cinemas, eu me identificava com o Tarzan, eu me identificava com atletas que a gente via em filme. Eu morei ao lado do cinema Imperial, no qual sempre exibiu filmes de atividade física, e me identifiquei muito com o Tarzan, com o Edgar Burroughs, que escreveu o livro, me identifiquei com ele pela atitude, pelo porte, pela natureza e tal. Na verdade eu me identifiquei com esporte e com a natureza. Nos Estados Unidos eu tive a oportunidade de participar de alguns eventos esportivos lá. O primeiro deles foi pedestrianismo, foi corrida, de fato lá eles tinham uma escola no interior de Nova York, perto de Búfalo, que é uma cidade grande, como Porto Alegre, ao norte do estado de Nova York, a cidade de Nova York é quase do tamanho do Rio Grande do Sul, um pouquinho menos. Então eu fiquei numa cidade pequena chamada Terra das Amoras que é uma terra indígena, cujo nome se chamava Titouaga. Titouaga significava terra das amoras vermelhas. Muito bem, lá eu fiquei, e lá eu pude participar de eventos esportivos no qual eu integrei a equipe de *Track Field*, que é pedestrianismo. Só que lá eu tive uma fratura, não foi quebra, mas foi assim uma fratura de galho verde na minha tíbia e eu tive que dar uma parada. Mesmo assim eu continuei fazendo outros esportes, um dos que eu entrei foi luta Greco Romana,

essa luta Greco Romana não foi uma coisa muito boa para mim porque era agressivo. Não era o que eu estava buscando, eu buscava um esporte mais ao ar livre, um esporte mais de continuidade, aquela luta me deixava era com adrenalina, mas não com satisfação, com prazer. Bom ai nos Estados Unidos então terminou o ano voltei para o Brasil e comecei a fazer matemática em Caxias do Sul, já treinando, já fazendo treinamentos por conta, sempre fui autodidata, não tive um treinador específico mesmo porque Caxias do Sul não tem tradição nenhuma em corridas, não tem tradição nenhuma em maratonas, nunca houve uma maratona promovida por Caxias. Os caxienses se preocuparam, desde a fundação de Caxias em 1870, que vieram os primeiros em setenta e cinco, que vieram os meus avós imigrantes, se preocuparam com a sobrevivência, mas o esporte sempre foi renegado, e principalmente corridas. Então quem corria era uma pessoa desocupada ou era uma pessoa que tava meio fora da casinha naquela época, e eu me sentia até meio fora da casinha. Eu tive uma equipe de basquete que era da universidade, que eu fazia parte, mas eu gostava mesmo era corrida, por que? Porque estava ao ar livre, não dependia de horário, eu podia fazer na hora que eu bem entendesse. Para reunir os cinco jogadores de basquete eu já tinha dificuldades, então eu dizia: eu vou dar uma corrida pela manhã, então furtivamente eu fazia minhas corridas. Isso em 1966, quando eu voltei, comecei a fazer matemática na Universidade de Caxias do Sul, mas ai eu tinha uma certa tendência por construção, já que eu vinha de uma família de construtores da Itália, eles eram carpinteiros, marceneiros, construtores; eu vinha de ofícios, de uma família que saiu da Itália para ter um novo mundo, uma oportunidade de emprego e eles eram mecânicos, eles trabalhavam com marcenaria, construía moinhos, e tudo, e eu estava neste meio, eu não estava no meio desportivo, eu tava no meio de trabalho físico, braçal. Então, eu decidi que eu iria fazer engenharia, vim aqui para PUC¹, passei no vestibular, fiz um ano, um ano e pouco de engenharia, mas sentia que a engenharia da PUC estava incipiente, muito inicial; a engenharia da PUC não era boa, não tinha tradição que tinha a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mesmo porque eu não gostava da Universidade Federal do Rio Grande do Sul porque ficava no centro da poluição e do barulho; eu sempre fugi do barulho e da poluição e a Universidade Federal não tinha o campus da universidade, o Campus do Vale, era aqui no centro. Eu disse não! Se vou para Porto Alegre num ambiente que é calor, barulho, e tudo, eu vou ficar aqui em Caxias. Só que a PUC ficava num ambiente lá na Avenida Ipiranga, num ambiente novo, num ambiente cheio de árvores. A Faculdade de

¹ Pontifícia Universidade Católica.

Engenharia ficava no meio do mato, eu digo bom eu vou fazer aqui. Só que houve um certo desentendimento... Eu não entendia muito bem os irmãos, os professores não eram os melhores, eu não me identifiquei com cálculo um, porque eu dizia: professor, para que eu vou decorar esse teorema se até o senhor está colando esse teorema. Então, eu diria o seguinte: foi uma situação bastante difícil e eu comecei a praticar um pouco mais intensamente corrida. Aconteceu o seguinte: houve um fenômeno comigo de perder o *elan*, de perder o sabor pela engenharia naqueles primeiros anos que você vai estudando, que você vai aprendendo cálculo um, cálculo dois, cálculo numérico, você não vê razão para isso, você vê que tem cálculo, cálculo e cálculo, mas não vai empregar na engenharia, pelo menos é o que eu pensava. “Professor, me diz uma coisa: o senhor é engenheiro também, o senhor usa isso aqui na engenharia?” Ele disse: “Olha isso ai é para o senhor desenvolver raciocínio”. Eu disse: “Olha professor, se é para desenvolver raciocínio o senhor dá um tabuleiro de xadrez para cada um de nós, quem ganhar o xadrez o senhor dá uma notinha melhor, pronto. Agora, pedir esse teorema é perda de tempo, a gente não pode nem namorar final de semana, eu vou ter tentar passar, isso aqui é uma bruxaria professor, isso aqui os loucos que fizeram isso aqui, e serve para que me diz. Dois e dois é quatro, quando a gente faz um sexto lá no basquete é dois pontos, a gente soma, somar, dividir, diminuir, tudo bem, é ótimo, e tudo, serve para a vida prática, agora teorema da função composta [trecho inaudível], o senhor me diz para que vai servir essa coisa”. Ele não me deu resposta. Bom caríssimo, o que aconteceu? Aconteceu que eu comecei a perder o *elan* da engenharia. Eu comecei a ver aquilo muito. Eu via as coisas práticas, eu era pragmático, eu lidava com ferramenta, eu quebrava o galho em casa com o telhado que estava quebrado, o cano enferrujado, é como você vê aqui na minha mesa, está cheia de tubos. Eu sempre fui muito prático, muito pragmático: resolve isso, dois e dois é quatro, então, pega quatro tijolos e resolve. Agora eu não quero saber se a filosofia, se o tijolo é feito por não sei o quê; não me interessa a filosofia, me interessa a prática. Sempre fui muito pragmático em resolução de problemas, tanto é que a vida inteira trabalhei em pronto socorro. Resolver problemas... Trabalhei na Força Aérea em vacinação em aéreo médica também. Bom, fiz medicina, no sexto ano de medicina resolvi vim a Porto Alegre e fazer o último ano na Fundação Faculdade Católica, que hoje é federal. Me escrevi para fazer a cadeira de endocrinologia. Terminei meu estágio e disse: Bom, agora eu preciso fazer residência em alguma área. Me escrevi em clínica médica porque eu não sabia bem o que eu queria em termos de vocação, eu queria toda a medicina, mas toda a medicina a UFRGS não tinha

cardiologia. Eu gostava de cardiologia, mas ela não tinha residência em cardiologia, ela tinha medicina interna. Então eu disse assim: Bom, já que tem medicina interna e os professores são bons, me parecem, eu fiz o concurso, passei, e fiz o primeiro e o segundo ano de residência em medicina interna, que ai tinha cardiologia, só que nesse intermeio, lá pela metade do segundo andar da residência eu optei por entrar na Força Aérea, ser voluntário e ser médico militar. Prestei concurso, passei, e fiz o exame de adaptação e fui designado para Santa Maria. Bom, ai foi um outro palco, uma outra história, porque o que acontece? O tenente médico Enio está dentro de uma organização militar e trabalha meio turno e tem possibilidades de treino. Essa possibilidade de treino, de 1977 até 1980, eu fiquei lá. Em 1981 termina meu tempo e eu tenho que voltar. Prestei concurso para a Força Aérea, mas ao mesmo tempo eu tinha feito um [palavra inaudível], eu tinha feito uma solicitação de minha pós-graduação na Alemanha. Então veja bem que as coisas sempre correram comigo, sempre tudo junto. Comecei a Escola de Educação Física do IPA² também, mas tudo junto naquele curso precário de férias, era superior, mas era de férias, nós fazíamos. Dei aula de educação física cinco anos, que foi a época mais feliz da minha vida, cinco anos eu tive só felicidade. Medicina dá felicidade, mas dá muita tristeza, mas educação física só dá felicidade. Eu me orgulho muito de ter sido professor e hoje ver que meus alunos, não tem ninguém sobre juízo, ninguém está na penitenciária. Fui chefe de tropa escoteira também, isso é uma pequena passagensinha da minha vida. Ai o que acontece: de Santa Maria venho a Porto Alegre e ai conversando um dia, eu estava na ESEF, na Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, essa maravilhosa escola que nos recebe com carinho sempre. Eu estava fazendo uma corrida ali na pista de vocês, que depois colocaram tartam, na época não tinha, na época era uma espécie de cinzas de carvão, eu estava fazendo um treinamento e hora eu estou ali e de repente aparece um jovem chamado Carlos Dario Lopes Dautd, essa pessoa é uma pessoa maravilhosa, ela escreveu um livro³ que devia ser publicado e lamentavelmente esse livro não foi publicado, quero ver até se acho esse livro, onde é que está, ele deve ter guardado muito bem.

² Instituto Porto Alegre.

³ Referência ao livro “Memória de uma saudade: revivescências do CORPA e das maratonas”, publicado em formato e-book pelo Centro de Memória do Esporte em 2014.

J.P. – Se o senhor me permitir? Esse livro o senhor Carlos Daudt cedeu ao CEME⁴. Eu e a professora Silvana⁵ estamos utilizando ele para construção desse trabalho.

E.P. – Que maravilha! Esse livro ai é um documento oficial. Eu tenho um carinho, eu tinha um carinho especial e eu tenho um sentimento grande de não ter ido ao falecimento dele, mas eu mandei as condolências para família, não sei se receberam, mas de qualquer maneira o Carlos Dario... Olha bem: nós estamos no portão de entrada da vossa pista de atletismo e o Carlos Dario entra com uma revista chamada *Runner's World*⁶ embaixo do braço, que eu já conhecia; Olha bem, ele está ali e está me olhando, eu vejo aquele rapaz me olhando escorado em uma das aquelas colunas que prende o portão e eu vejo aquele rapaz e de repente eu dou uma parada e digo: Oi, tudo bem? O que faz o companheiro aqui? Vai treinar também? Ele estava com trajes esportivos. Ele respondeu: “É, eu vou dar uma treinada”. Eu disse: “Essa revista eu conheço, eu assino essa revista, essa ai é uma das melhores revistas do mundo”. Ai comecei a conversar com ele, começamos a falar sobre esporte, falamos sobre atletismo, falamos sobre corrida e de repente pela minha cabeça houve uma ideia assim. Ai me apresentei e ele se apresentou. Eu já tratava ele de Carlos Dario e ele me tratava de Enio. Então começamos a conversar e em um determinado momento eu disse assim: “Carlos Dario, eu só lastimo uma coisa, tu participasse de corrida do sul brasileiro?” Ele disse: “Sim”. “O que tu achou que era aquilo?” Ele disse: “O que tu achou Enio?” Eu achei uma chacina, ao invés de ser uma maratonada, foi uma chacina. Eu vi crianças sendo pisoteadas, eu vi crianças sendo abalruadas, eu vi uma esculhambação total, só porque o dono do banco queria passasse na frente do banco ele ia dar os prêmios, então não houve uma organização. Eu disse assim: “Carlos Dario, essa coisa de corrida é uma coisa séria, ela não pode ser levada tão infantilmente como esse cidadão quer levar, nós temos que fazer alguma coisa, tu não achas?” Ele disse: “Eu também acho”. Eu disse assim: “Carlos Dario, tu não achas que Porto Alegre merece uma organização para disciplinar isso aí?” Ele disse: “Sim, e o que tu estás pensando Enio?” “Eu estou pensando num clube, eu estou pensando num clube de corredores”. Ai ele disse: “Clube de corredores aqui em Porto Alegre”. Surgiu o CORPA, nesse instante saiu da minha boca, saiu da boca do Dario, dos dois: CORPA, Clube de Corredores de Porto Alegre. Pronto, ali em 1981, em 1980 saiu o CORPA, que depois foi fundado em setembro de 1981. Nós

⁴ Centro de Memória do Esporte.

⁵ Silvana Vilodre Goellner.

temos a ata de fundação e inclusive relata o livro do Carlos Daril - memorável, o finado Carlos Dario - que relata sobre a fundação do CORPA. Inclusive tive a honra de ser o primeiro presidente, mas acontece que eles estavam me esperando na Alemanha já naquela época, porque isso foi setembro a data de fundação, só que estavam me esperando na Alemanha, e eu não pude dar continuidade, então, logo surgiram outros colegas, por exemplo o Dr. Antônio Celso Koehler Ayub. Ai vieram outras pessoas para me substituir, e de repente correndo com o Paulo Silva lá no parque Marinha do Brasil, eu estava treinando um dia com ele, correndo, eu disse assim: “Paulo tu és...” Porque o Paulo foi um dos fundadores do clube, ele foi um dos sócios fundadores. Eu disse: “Paulo, um dia tu vai me substituir, eu não vou estar mais aqui porque eu vou estar na Alemanha e o CORPA não pode ficar assim, sem pai, sem mãe, tem que ter um presidente... Você vai me substituir, vai ser o futuro presidente do CORPA”. E até hoje o presidente do CORPA é o Paulo Silva. Bom, eu participei esses anos todos de eventos, de maratonas no mundo inteiro. Eu participei de maratonas em Berlim, participei da Maratona de Moscou, então eu fui participando das maratonas que a Alemanha me ofereceu e a Ultramaratona de Unna, que eu tenho a honra de ter me saído muito bem. A Ultramaratona de Unna para mim foi o apogeu. Foram cem quilômetros e no total duzentos e sessenta quilômetros que eu percorri. Eu percorri cento e sessenta quilômetros de bicicleta com mais cem quilômetros de pedestrianismo, de corrida.

J.P. – Qual é o país que?

E.P. – Na Alemanha, em Unna. A Ultramaratona de Unna, ela tem todos os anos. Eu me saio muito bem Patricio, porque eu tive uma hipoglicemia; os alemães eles começaram as oito horas da noite, eu cheguei de bicicleta à tarde porque eu trabalhava na clínica, eu tinha vendido meu carro, eu não tinha transporte para ir para lá. Um carro de aluguel ia me custar muito caro, e eu tinha recém vendido meu carro; não tinha avião, não tinha trem, não tinha nada para eu chegar e eu estava de plantão no dia anterior, então eu tinha que sair cedo para chegar. Eu disse: “Olha, eu tenho bicicleta eu vou de bicicleta”. Oitenta quilômetros não é grande coisa, não é Patricio? Bom, acabei indo de bicicleta. Fiz uma prova maravilhosa, eu consegui um belo de um lugar, mesmo estando quarenta minutos, quarenta e cinco minutos parado numa tenda da Cruz Vermelha com hipoglicemia. Na

⁶ Nome sujeito à confirmação.

verdade eu fugi, essa é a verdade. Eles queriam me internar e eu fugi. Eu tenho que ser franco e honesto, isso é uma passagem da minha vida, porque com hipoglicemia, com hipotermia, numa situação que eu estava num estado quase choque, só que a células estão carentes de glicose, eles estavam oferecendo só salgados e sopas, eu não aguentava mais, eu precisava glicose, eu precisava de chocolate. Duas barras de chocolate e não quero fazer apologia, por isso eu não vou falar o nome de um refrigerante que tem cafeína; eu tomei aquela cafeína junto com as duas barras de chocolate, tive o cuidado de retirar o gás, espalhei-me na enfermaria, tudo que foi aquela porcaria toda, aquele refrigerante mas de qualquer maneira aquilo me deu subsistência e me deu energia de terminar trinta quilômetros flutuando. Eu não sou esotérico, eu não sou espiritualista, mas se existe uma coisa que eu experimentei na vida foi levitação, Patricio é um estado de emoção, de êxtase, de bem estar, que eu acho que só as endorfinas dão. Eu nunca tomei morfina direto, eu tomei neperidina quando fiz cirurgias, eu tenho várias cirurgias, porque eu tive um acidente lá, mas de qualquer maneira essa foi a minha. Bom, desde então eu venho participando de eventos, participei de triatlos... O último triatlo foi no Internacional⁷ quando completou cem anos, e essa é a minha vida assim. Atualmente eu estou treinando natação, hoje eu venho de um treino pesado de natação, por que? Porque eu tenho cinco cirurgias, lamentavelmente, eu tive um acidente voltando de Unna, um acidente de *bike*, que terminou com minha rótula esquerda e com isso eu tive que ter humildade; tive de ter digamos humildade e resignação de ter descido do pódio, já que eu tinha subido ao pódior eu tive que desce, isso foi um arrefecimento, um esfriamento do meu ímpeto de ser um corredor, porque eu poderia ser um corredor profissional e, quem sabe, um medalista, mas eu tive que me resignar. Na época eu tinha trinta e poucos anos, eu podia ser um medalhista se tivesse continuado.

J.P. – Certo. Doutor, antes de nós entrarmos na criação do CORPA especificamente sobre as maratonas do CORPA, gostaria que o senhor falasse um pouquinho mais sobre essa maratona aqui de 1981 que o senhor participou. Como é que era a participação?

E.P. – Patrício, a primeira maratona de Porto Alegre, eu diria a primeira oficial, foi realizada pela nossa querida Brigada Militar, exatamente com quarenta e dois mil cento e noventa e cinco metros. Ela foi realizada, como diz aqui, no dia 15 de novembro de 1981,

⁷ Sport Clube Internacional.

muito bem. O que aconteceu? As oito horas da manhã, na frente do ginásio da Brigada, ali na Avenida Ipiranga, e uma promoção e organização do Centro de Educação Física deles, mais a Federação Atlética do Rio Grande do Sul e a Federação Universitária Gaúcha de Esportes, eles organizaram essa maratona. Então, aqui tu pode ver estou fornecendo uma descrição, que eu estou inclusive te fornecendo a minuta da organização, as etapas, as idades, porque a premiação era por faixa etária e estou te oferecendo aqui... É interessante o trajeto que vai do Beco do Salso, volta, faz uma coisa, mas sempre passando e chegando na Brigada Militar. Foi uma Maratona indiscutivelmente maravilhosa. Devo dizer que o dia estava ensolarado, belíssimo, coisa para maratona, e teve também a felicidade da gente chegar e termos os Bombeiros nos brindando com jato de água, que foi uma coisa assim inusitada; os Bombeiros nos dando água, jato de água para melhorar o corpo. Essa foi a primeira Maratona, essa não é a Maratona oficial do CORPA. A Maratona oficial do CORPA quem trouxe é Dr. Celso Ayub. Ele correu a Maratona de Nova York e como ele foi me substituir no CORPA, ele trás e ele merece, ele tem todo direito, para ele, de ter trazido a primeira Maratona de Porto Alegre. Ele trouxe um modelo da Maratona com certa organização e aí entra Paulo Silva, entra já como corredor e organizador mas as duas coisas juntas. Depois do Ayub quem entrou foi o Vilmar Ellmann, que é um professor de arquitetura. Então ele entrou e deu um certo cunho, belíssimo para a maratona, assim como outros deram também; outros que subsequentemente, outros que vieram a tomar o lugar. Paulo Edi⁸, por exemplo. O Paulo que esse é o arquiteto, depois o Vilmar, e assim por diante. Então outras pessoas seguiram a diretoria do CORPA e hoje está já com trinta e poucos anos mas essa aqui foi a primeira prova de Porto Alegre que hoje quem tem o direito, digamos assim, legítimo, de realizar maratona de Porto Alegre é o CORPA. O CORPA registrou isso em cartório então hoje quem tem direito. Pode ser feita outras maratonas sem dúvida nenhuma, mas hoje quem tem o direito e a legitimidade de realizar uma maratona de Porto Alegre, chamada de Maratona de Porto Alegre, unicamente é o CORPA porque ele registrou como marca registrada.

J.P. – E o poder público? Como o poder público entrou nessa? Como é que se deu essa oficialização, porque precisava de uma licença para usar a via pública, como é que se deu essa oficialização pelo município?

⁸ Nome sujeito à confirmação.

E.P. – Patrício, sempre foi com dificuldades. Na época a Brigada Militar estava envolvida, então o que facilitou muito é que tínhamos muito corredores que eram brigadianos, isso facilitou. Digamos assim, o poder público não teve uma participação efetiva porque não tinha mídia, esse era o grande problema; nós enfrentamos grandes dificuldades, muitas críticas, porque é como tu disseses, nós temos que intervir com a comutação que é a movimentação em um domingo, em um domingo a gente não pode transitar, então nós não tínhamos EPTC⁹ na época. Era a Brigada que fazia o bloqueamento das ruas e claro as pessoas. E a cidade nesse caso ficava dividida, as pessoas não podiam transitar e muitos ficavam aborrecidos: “Ora o que está havendo aqui? Por que eu não posso cruzar? Eu pago imposto!” E aquela história toda. Não existia uma mídia, e não existia também além da mídia uma... Porto Alegre não tinha tradição nesse esporte. Hoje a Maratona de Porto Alegre é conhecida, depois de trinta e poucos anos, a gente pode ver em dia de maio já sei meu carro não pode cruzar, porque hoje facilitaram. Se tu olhares hoje o trajeto da Maratona não implica em grandes quebras de de tua rotina porque ela foi aperfeiçoada. Paulo Silva tem um grande mérito nisso porque ele trabalhou sempre em termos de não complicar o motorista; nós queríamos simplificar mas como é que você pode simplificar se tu tem uma cidade que tu tem que ter um trajeto e esse trajeto contemplava a zona sul, porque a zona norte, por exemplo, não tem um trajeto bonito... Tinha que passar ali pelo Parcão¹⁰, porque o Parcão é ainda o palco, o centro, o fulcro, mas não, realmente não tinha sentido. Hoje não! Hoje a Maratona tem... Tu podes ver o trajeto dela, favorece o fluxo do motorista no final de semana, que é o domingo, então, isso daí facilitou. Agora o poder público como é que ele viu? Ora, Patrício, você viu o resultado das Olimpíadas? Qual foi o lugar do Brasil? Me diz qual foi o lugar que o Brasil obteve nas Olimpíadas 2012, qual foi?

J.P. – Vigésimo e alguma coisa. Vigésimo quarto lugar.

E.P. – Vigésimo quarto lugar. Um país de cento e noventa milhões de habitantes, tu acha que nós não temos potencial, e nós não temos o elemento humano para competir? Nós temos Patrício, nós temos o elemento humano, melhor não digo, mas igual a qualquer lugar do mundo que eu conheço. A gente pode dizer que os alemães são fortes, são vigorosos,

⁹ Empresa Pública de Transporte e Circulação ligada à Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

¹⁰ Parque Moinhos de Vento.

nós podemos dizer que os americanos são movidos a “Toddy”, são crescidos com leite “Ninho”, mas nós temos uma população aqui que é muito... Nós temos pessoas com garra, com raça, com porte, com envergadura, só que nós não temos a tradição, e além de tradição nós não temos... Vocação até nós temos, mas nós não temos do poder público interesse, o interesse que tem os americanos. Eu estudei nos Estados Unidos, só para ter uma ideia, que eu já falei antes, a minha escola pequeninha, eles me ofereceram atletismo, me ofereceram luta Greco romana, me ofereceram natação, só que eu sou um péssimo nadador - vindo de Caxias do Sul, meu Deus do céu, eu era uma aranha tonta na água, enquanto eu estava indo eles já tinham ido e voltado duas vezes. Aí eu disse: “Olha, acho que esse esporte não vai dar”. Eu tinha arco e flexa, eu tinha, digamos assim os esportes, basquete nem fala. Eu tive visitante agora a escola e eles aperfeiçoaram ainda mais a escola. Patrício, veja o seguinte: dá uma olhada nos filmes americanos, qualquer filme, pega um enlatadinho, como a gente chama, pega um enlatadinho americano agora e o que você vê? Eles exploram o esporte, as máquinas de Hollywood estão ali, é o jogo, é aquela gurias fazendo torcida organizada, eles exploram demais, eles ganham dinheiro, a escola. Não, espera aí um pouquinho, nós vamos fazer um negócio, vocês vem filmar aqui quanto é que vai custar o filme dos senhores? Ah, o filme dos senhores vai custar um milhão de dólares, muito bem vocês podem dar cem mil dólares para escola, sem problema nenhum, é isso que eles fazem. Hollywood quando põe as câmaras lá dentro eles vão deixar cem mil dólares para escola, ou vão deixar coisas, benefícios que eles construíram lá. Qual é escola aqui, que você vê em um filme brasileiro que eles utilizam as crianças, que utilizam para fazer um filme? É o mínimo. Então eu quero dizer assim, Patrício, Hollywood é a janela do mundo, é a vitrine do mundo. Eu me espelhei na vitrine do mundo que foi o Tarzan, que foi Johnny Weissmuller, o grande campeão das Olimpíadas de Natação; eu me espelhei nele e hoje eu sou um pouquinho do Johnny Weissmuller e um pouquinho do Tarzan, e um pouquinho da saúde, e um pouquinho de tudo, até ser um atleta; hoje eu sou atleta de natação, não mais de corrida, mas sou um atleta. Mas agora, o que o Brasil tem? Pega as escolas, a rede escolar, diz o que você tira da rede escolar? Então, lamento dizer. A força política, o interesse político é zero, para não dizer zero eu vou dizer zero virgula um para você não ficar tão chateado e para não levar essa impressão para mídia, eu vou dizer zero virgula cinco. É o interesse que tem. Não há um despertar, não há uma cultura, não há uma motivação, não há uma meritória. Por exemplo, Patrício eu vou dizer uma coisa para você: Tu chega no segundo grau, tu é excelente, tu é um corredor, tu é jogador de futebol, se não

for um clube particular te buscar e levar, se tu não tiver um padrinho lá, um cartola bom que te ponha dentro tu não entra, se tu não tiver pistolão. Mas tu é bom, tu é jogador, tu acha que a escola vai te promover? O diretor chega e diz assim: “Patrício vem cá, vamos combinar o seguinte: você vai ter bolsa de estudos aqui, tu vai ter regalias aqui porque tu é bom, e nós vamos dar um jeito”. O americano. Os meus colegas nos Estados Unidos ganharam para West Point, quatro anos para Academia Militar de West Point, uma das melhores escolas dos Estados Unidos, tudo porque eram bons jogadores de basquete, bons jogadores de vôlei e assim por diante. Patrício, existe nos Estados Unidos uma cultura, existe na Alemanha uma cultura de esporte, quando tu sobresaí tu tem vantagem, isso é a meritória, isso aqui não passa na cabeça dos nossos governantes, eles não foram atletas, eles não foram escoteiros e se tem são raros que levam isso a dizer: não espera aí um pouquinho, espera, Ministério da Educação, espera aí um pouquinho. Tu vê essa bandalragem que tem. Nós estamos entrando numa política que não era para entrar, mas olha aqui, esse dinheiro... Ontem eu estava na televisão e vendo o dinheiro que era para a saúde, tu precisa ver o que fizeram, eram milhões que são drenados. Nos Estados Unidos não. Eles podem ter? Podem.les tem, mas eles tem meritória. Se o Patrício apresentar trabalho eles fazem isso aqui, eles levam o Patrício, isso eu dou “N” exemplos de colegas meus, médicos que estão lá, que criaram medicamentos, que criaram e que estão lá em cima ganhando fortunas, então existe a meritória. Então se você me falar politicamente, Patrício, é zero virgula cinco por cento de atitude governamental ou de políticos.

J.P. – O senhor ainda acompanha a nossa Maratona, se acompanha, como o senhor vê o legado que o senhor e seus amigos deixaram com a criação do CORPA?

E.P. - Bom, houve uma organização que a gente iniciou, e que não somente eu, por ter criado o CORPA, esse não é mérito único; a gente cria um filho mas esse filho passa por uma educação, você tem que zelar, uma plantinha, mas cada um que passou ali que viu aquela plantinha deu uma regadinha, então todas essas pessoas, o Carlos Dario Daudt, o Paulo, o Vilmar, todas essas pessoas que passaram pelo CORPA, o Paulo Silva agora e todas essas pessoas tem um grande mérito, não adianta tu fazer um filho só, tu vai ter que ter uma mãe para cuidar, tu vai ter que ter pessoas, tu vai ter que ter professores para educar esse filho, se ele for escoteiro vai ter que ter o chefe da tropa, se ele for militar vai ter um chefe também, que vai estar em cima dele hierarquicamente, então, todas essas

peessoas elas também colaboraram. Como é que eu vejo agora o que nós proporcionamos? Muito bem. Primeiro lugar: nós estabelecemos regras de uma competição, nós não podemos largar um efetivo de quinhentas mil pessoas assim e dizer virem-se. Não” Nós temos que ter algo organizado. Como é que se organiza? Com muito trabalho. Patrício, nós temos que ter a nossa disposição a mídia, nós temos que ter hoje a equipe da EPTC, nós temos que ter a boa vontade da Prefeitura, nós temos que ter premiação, nós temos que ter dinheiro, nós temos que ter mídia que forneça, que até então a Zero Hora tem sempre propiciado essa mídia, tu sabe até de helicópteros colocando lá em cima. Então, tem que haver todo um trabalho. Primeiro um trabalho de organização, aquele funil de chegada, aqueles os chipes devem ser colocados de modo que não haja, digamos assim, deturpação na premiação, etc. Então hoje nós elevamos a Maratona ou elevamos, já que o assunto é Maratona, mas elevamos esse esporte a uma categoria melhor, nós respeitamos o pedestrianismo e eu acho que com o advento do CORPA foi sim um marco da gente colocar essa agora nas disposições de uma competição maravilhosa e linda que é, tanto é que a Maratona ela se destaca nos esportes. Você viu na Olimpíada. É o final, é o coroamento, é uma Maratona. Nós conseguimos colocar o lugar dela, o lugar de destaque, o lugar de respeito ao corredor, ele é o nosso. O corredor, quando ele se inscreve, ele é o nosso alvo, ele faz parte como se fosse nosso cliente, e o cliente deve ser respeitado. É como quando tu vai num restaurante, tu vai pagar por uma alimentação bem feita, com limpeza, com organização, com gostosura de alimentação. Mesma coisa quando tu te inscreve, tu paga uma taxa Patrício para você ser bem atendido, para você ter segurança, para você ter respeito, para você ter tudo isso, e outra coisa para você ter uma premiação justa, e um lugar. Então, isso tudo eu acho que nós contribuímos. Outro detalhe Patrício, que eu acho, eu penso assim, um jovem ele precisa ter algo o que fazer se não ou ele vai para o nanismo, ele vai para masturbação direto, ou ele vai para drogas, e se nós conseguirmos tirar o jovem, que ele só pensa em duas coisas, em sexo ou em drogas, se eu conseguir tirar e colocá-lo ele na rua fazendo pedestrianismo, cai fora a droga e o sexo fica também, mas ele fica em segundo plano. Não pode ficar só sexo em primeiro plano, ele tem que ter a cultura, ele tem que ter o físico, ele tem que ter preparo, ele jamis pode fumar, porque pedestrianismo, corridas, atividade física e fumo não dão certo, ele vê que não dá. E uma coisa tira a outra, é nojento, ele vê, ele não quer que alguém nem fume perto dele porque ele precisa ar puro, ele sabe disso. Então eu acho que nós através do CORPA, nós criamos sim uma mentalidade de saúde, nós criamos também o ambiente favorável

nesse meio desportivo. Dizer que vai ter uma maratona, sabe eu vou me inscrever, não importa o número de horas que vou fazer, mas vou me inscrever, vou me preparar, eu vou fazer um *check-up*, eu vou fazer uma avaliação... O doutor disse que eu tenho que fazer vários exames, então eu vou fazer. Isso deu uma certa movimentação para as pessoas dizendo, para ai um pouquinho está na hora de verificar. Sabe aquela coisa que a gente nasce o Patricio, a gente nasce com um manual de instruções, só que muita gente não lê. Olha aqui tu não deve fumar, tu não deve beber excessivamente, tu tem que se exercitar. Só que ninguém lê. Todo mundo nasce com um negocinho embaixo, aqui, só que ninguém lê isso aqui. De repente quando ele lê já é tarde, de repente ele já está com cirrose, já está com enfisema, é o que eu recebo todos os dias no consultório. Agora a ideia, se tu olhares o CORPA, e tu olhares, tu vai ver que um dos itens é promoção de saúde, então, eu acredito muito que os professores de Educação Física formados hoje não são professores somente, eu gostaria de chama-los hoje, de gentes de saúde, promotores de saúde, ao invés de por o título assim: “Aferimos ao professor José Patricio Cunha Pinheiro, o titulo de professor de Educação Física, virgula, Agente de Saúde”, ai sim. Eu acho que isso ai é importantíssimo porque hoje quem está fazendo esse trabalho de base são os professores de Educação Física, são eles com seus alunos, seja ele personal, seja ele na academia, seja ele um técnico, onde for, professor em primeiro lugar, professor de Educação Física é um líder, sempre foi. A escola está precisando de um líder, é o professor de Educação Física. Dia sete de setembro, coitado do professor, ele tem que sumie senão vai trabalhar, vai cuidar da tropa, que eu digo, ele vai cuidar da coisa. Entao, eu vejo assim: a Maratona de Porto Alegre deu um marco, deu uma dignidade a esse esporte, e além disso propiciou para a população e para o mundo - porque hoje a Maratona de Porto Alegre está inserida no calendário mundial - ela propiciou dizendo o seguinte: Pessoal, a Maratona de Porto Alegre lá na Africa, lá nos Estados Unidos, lá na Europa, eles dizem: opa, existe uma maratona belíssima em Porto Alegre super organizada, que é a Maratona que é realizada pelo CORPA. Entao eu quero lhe dizer, hoje as coisas mudaram, a mídia também ajudou a mudar.

J.P. – Então complementando essas questões que o senhor falou, em ambientes, em preparação que o CORPA fez ter uma nova visão do esporte maratona, como o senhor vê a participação do público portoalegrense durante o percurso da prova?

E.P. – Essa é uma bela pergunta. Bela pergunta, mas é uma bela pergunta com tristeza. E eu quero dizer para você, com tristeza que eu não vejo um grande público dando um grande incentivo. Primeiro: é final de semana, pela manhã, as pessoas estão dormindo; segundo, vieram da boates, muitas pessoas gostam de dormir até mais tarde e a Maratona é cedo. Então existe um impasse do expediente que eu digo, do turno que eu digo. Então as pessoas querem dormir mais, e de repente algumas tem boa vontade, outras não, mas eu não vejo não. Eu ainda creio que é uma questão cultural Patrício. Você vê a própria questão cultural, você tem cinco mil pessoas correndo em Porto Alegre vindo dos mais longínquos lugares do mundo: África, Europa, Estados Unidos. Nós temos corredores de todo o mundo e nós não temos uma louvação, e nós não temos um público que seja representativo numa cidade com mais de um milhão de habitantes, nós não temos. É de lamentar e eu acho que a mídia tem que focar nisso e tem que tornar isso sensível para as pessoas. Aos portoalegrenses quero dizer: “Pessoal, está na hora da gente prestigiar, está na hora da gente botar a boca na rua, vocês não fazem isso no futebol?” Nós vamos fazer isso com a Maratona agora, nós vamos por um pano, nós vamos atirar papelzinho, nós vamos jogar um colchão velho de cima, não sei o que vamos fazer, nós vamos fazer um alaúde, porque é a Maratona de Porto Alegre, porque nós estamos mostrando ao mundo que Porto Alegre pode fazer. São Paulo faz um pouco, mas São Paulo são doze, vinte milhões de habitantes, e nós aqui temos um milhão e tanto, mas nós podíamos ter mais. Então eu invoco assim as autoridades que propiciem alguma coisa boa, por exemplo, que ver, chazinho para as pessoas que querem tomar chá de graça, a Prefeitura coloca bancas assim, então eles pensam assim porque tem que ser o útil e o agradável; brasileiro tem, lamentavelmente, tem que ganhar alguma coisinha para poder oferecer. Então, olha vamos lá agora, vai ter Maratona, mas tem um chazinho legal, vai ter uma bolachinha de graça, vamos lá pessoal, vamos lá. Então tem que haver também um incentivo, também os outros países fazem isso, porque que a gente não pode fazer?

J.P. – Continuando ainda sobre as nossas, agora não só Maratona, mas todas as nossas corridas que agora aumentaram o número de corridas na nossa cidade, eu quero que o senhor me diga a que se deve a essa popularização de tantas corridas na cidade de Porto Alegre?

E.P. – Ora Patricio, você já viu que bandido puxa bandido, mocinho puxa mocinho, gente boa puxa gente boa, ouro puxa ouro, dinheiro puxa dinheiro, então, o que eu quero dizer é o seguinte: Olha alguém teve que iniciar, e depois quando alguém inicia alguma coisa, até nos negócios é assim... Quer ver Patricio vamos fazer assim: Tu tem uma padaria aqui na rua José de Alencar, ai de repente alguém passou e disse: “Tu viu, dá dinheiro aqui na José de Alencar montando uma padaria, ai o José Patricio dizem assim, opa pessoal tá dando dinheiro, vamos montar uma padariazinha ali do lado”. Ai o outro vem e colocou uma padariazinha e tal, e de repente houve uma competição legal, bonita, saudável de padarias, ai o Patricio está fazendo o melhor pãozinho, outro já vai fazer o melhor docinho, outro já vai, e assim por diante. O que aconteceu? Aconteceu que a Maratona de Porto Alegre, que nós iniciamos na época, Patrício, ela abriu essa porta para outras pessoas dizerem: Espera ai um pouquinho, a Maratona de Porto Alegre quem faz é o CORPA, mas nós podemos fazer nossa Maratona. E mais Patrício, hoje as empresas, como a Nike, a Puma, a Adidas, essas ai o que ela fazem, ela querem promoção, e elas pagam muito bem, então elas estão dizendo hoje vai ser a Maratona da Gaston, nós vamos fazer, porque não é proibido fazer uma maratona. A Maratona de Porto Alegre é o CORPA, que detém a propriedade, mas as outras maratonas, por exemplo, você pode fazer maratona José Patricio Cunha Pinheiro, por que que não? Pode fazer, mas claro você vai precisar ter aquele cacife de organização e ela tem que ser homologada, porque como você disseste, como é que eles vão dar apoio? A EPTC vai dar apoio se não for algo regulamentado. Se o governo não tiver boa vontade não vai liberar, e se não libera não sai. Então tem que ser algo bem positivo, envolvendo bastante, envolvendo até políticos, para sair, mas ela, como você fizeste a pergunta, como eu vejo as outras entidades elas estão se espelhando naquilo que deu certo.

J.P. – Em sua opinião a nossa Maratona, vou dizer nossa com carinho, ela poderá se tornar uma grande maratona como ocorre em outras cidades, São Paulo, Berlim, Nova York?

E.P. – Olha, Patrício eu acho que tem tudo para ser uma das melhores maratonas de Porto Alegre. Primeiro lugar porque o trajeto dela é maravilhoso, não sei se você acompanhou o trajeto dela, mas acho que sim e tem um detalhe que maratonista não gosta de subidas, não gosta de ter escadas, como eu já fiz uma maratona que tinha que subir escadas, então maratona a gente não gosta muito, e a nossa maratona ela flerta, ela horizontal, de fato tem algumas ondulações, mas muito poucas. Então tem mais também: eu acredito muito que

essas Olimpíadas que nós vamos ter vai repercutir muito no Brasil, vai repercutir aqui na nossa cidade porque eu já estou sentido o cheiro dessa repercursão; eu estou sentido o cheiro dessas verbas que estão chegando e se forem bem destinadas, José Patrício, nós vamos sim. O CORPA vai, digamos assim, ser um colaborador e um coadjuvante na concretização desse maior evento do planeta que são as Olimpíadas e que são os Jogos Olímpicos, então, eu acredito que sim; eu acredito que nós poderemos ter aqui em Porto Alegre e no Brasil, porque essa vai ser relativa ao Brasil, nós poderemos sim melhorar muito, nós temos muito que melhorar ainda, mas ela está chegando a um ponto que a gente está dizendo assim; puxa, acho que depois de trinta e tantos anos já estamos ficando maduro, acho que nós podemos agora dizer que nós temos uma das melhores Maratonas do mundo, acho que nós podemos dizer.

J.P. – Bom, chegamos aqui ao final, o senhor teria mais alguma coisa que gostaria de dizer?

E.P. – Em primeiro lugar eu gostaria de agradecer a atenção de professora doutora Silvana Vilodre Goellner que me propiciou essa entrevista com o nosso José Patrício Cunha formando em Educação Física. Eu preservo muito a memória, e a história, e principalmente a questão da história do esporte, e eu acho que realmente com esse Garimpando Memórias, vamos trazer essa memória para que as futuras gerações aproveitem isso, os professores poderão pesquisar, os alunos poderão transformar isso em filme, poderá transformar em Youtube, poderá ser colocado nas redes sociais, etc. Eu acho que a Universidade Federal do Rio Grande do Sul conhece esse trabalho, ela realmente está dando, e sempre deu com isso, um passo a mais para a educação e para a preservação, e além do mais o estímulo, para estimular novas pessoas, novos, os futuros que virão, os que mandarão nesse país no futuro. Que acredito é a maior obra que tem em uma Universidade, já diz o nome: Universidade. Então, você está de parabéns pelo trabalho José Patrício. Meus votos que você te realize como eu me realizei dentro do esporte e dentro do magistério sim como a professora, a Dra. Silvana que está fazendo esse belíssimo trabalho. Muito obrigado pela oportunidade.

J.P. – Eu também lhe agradeço, muito obrigado.

[FINAL DA ENTREVISTA]